

Capítulo I

Dave Olson estava desempregado, mas muitas pessoas se encontravam na mesma situação. Mantendo a dignidade, ele ainda se levantava às sete da manhã e saía para correr. Quando voltava para casa, tomava banho e se barbeava, vestia suas calças cáqui e uma camisa, punha sapatos confortáveis e caminhava pelas poucas quadras que separavam seu bangalô do centro de Sierra Madre. Embora tivesse apenas onze mil habitantes e fosse um subúrbio pequeno para os padrões do condado de Los Angeles, ele o adorava.

Dave já fora um dos mais expoentes corretores de imóveis da cidade, mas com o desempenho ruim do setor, sua renda despencara, forçando-o a fechar o escritório. No entanto, havia um lado bom na situação. O desemprego dera-lhe a oportunidade de escrever seu primeiro romance.

Ele comprou um café no Bean Town e sentou-se a uma das mesas diante do estabelecimento. Era uma linda manhã, com um surpreendente céu azul e o verde exuberante das Montanhas de San Gabriel. Um dia para regozijar-se por estar vivo.

Ele pegou no bolso a carta do último editor que consultara e bateu-a de leve na mesa branca. Podia ser tanto uma solicitação de seu manuscrito quanto mais uma breve rejeição, com as probabilidades pendendo para a última alternativa. Quando terminou de esvaziar a xícara de café, tomou coragem para abrir o envelope. Era outra recusa. Porém, dessa vez tratava-se de uma carta pessoal, e não de uma das cartas-padrão, enviadas aos milhares.

O editor apreciara seu estilo moderado e conciso, mas não acreditava que houvesse mercado para um tipo de história que acompanhasse o processo de amadurecimento do protagonista. Ele sugeria que Dave escolhesse uma aventura mais comercial e o procurasse novamente. Absorvendo aquele parco encorajamento, ele guardou a carta no bolso, comprou outra xícara de café, uma cópia do *Los Angeles Times* e sentou-se de novo à mesa.

Folheou o jornal e, mesmo havendo desordem suficiente no mundo para inspirar milhares de histórias, nenhuma ideia lhe pareceu forte o bastante para que ele sentisse vontade de se aprofundar. Muitos dos artigos eram tristes, como aquele a respeito do homem que envenenara a esposa, e explorá-los o deixaria apenas mais deprimido do que ele já se encontrava.

Ergueu o olhar quando o dono da loja Jewelry Box saiu do Bean Town. Sem esperar um convite, John Blanchard acomodou-se em uma cadeira à sua mesa. Ele era um homem alto e magro, com um abundante cabelo branco que causava inveja a evangelistas e senadores.

— Não sei por que ainda me dou o trabalho de abrir a loja — John disse. — Sempre há a esperança de que alguém adquira um relógio como presente de formatura, mas os homens não estão mais comprando diamantes para aniversários de casamento. Eu poderia muito bem abrir dois dias por semana que não faria diferença.

— Pelo menos, você ainda tem um negócio — Dave falou.

— Sou grato por isso todos os dias. Evita que eu fique sentado em casa com Marilyn, assistindo *The View*.

Recentemente, Dave assistira ao programa matutino mais vezes do que gostaria de admitir e assentiu solidariamente.

— Boa sorte hoje — ele disse e se levantou, deixando o jornal sobre a mesa.

Ao atravessar a rua, considerou que seria bom entrar na Sierra Madre Books e checar o que estava vendendo. Sem Louis L'Amour, duvidava de que os faroestes estivessem em alta. Se estivessem, seria para seu azar, pois nunca havia montado um cavalo. John Grisham vendia uma tonelada de livros. No entanto, ele era um advogado que se valia da experiência jurídica. E, dado seu péssimo histórico com mulheres, romance estava fora de questão. Porém, algo mais relacionado à sua experiência devia estar vendendo bem.

A livraria era nova, propriedade de um casal que acabara de ter um bebê. Eles pareciam impossivelmente jovens, pensamento que ocorria a Dave com frequência demais nos últimos tempos. Ele trabalhara com Jeff e Sally no Festival da Glicínia e os considerava amigos.

— Bom dia — ele falou ao entrar.

— Bom dia, Dave — Jeff respondeu. — Está um lindo dia, não?

— Com certeza. — Dave inspecionou as prateleiras dos mais vendidos e, conforme o esperado, encontrou os livros de John Grisham.

— O que está vendendo realmente bem? — ele perguntou para Jeff.

— Vampiros. Stephanie Meyer conquistou diversas posições nas listas dos mais vendidos durante quase um ano. O canal HBO está exibindo *True Blood*, outra série de vampiros.

— Não consigo mais pagar o HBO.

— Entendo.

— Você não está mesmo brincando comigo? Vampiros são realmente populares?

— Sim, histórias paranormais estão em alta.

Dave enfiou as mãos nos bolsos e andou devagar pela loja.

— Vampiros — ele murmurou. Sempre gostara dos romances de Stephen King. Talvez devesse tentar escrever histórias de terror, nas quais poderia contar exclusivamente com a sua imaginação. Quanto mais pensava, mais apreciava a ideia.

Por fim, ele saiu da loja com uma cópia de *Crepúsculo*, de Stephanie Meyer, e leu o livro aquela tarde. Gostou dos vampiros adolescentes. Porém, o que mais admirava era o fato de a sra. Meyer ter criado suas próprias regras para o comportamento dos vampiros. Inspirado, ele abriu o laptop e usou o Google para pesquisar a respeito do assunto.

Como não estava treinando para a vindoura corrida pela montanha, na manhã seguinte Dave subiu a trilha do Monte Wilson. Em um dia quente como aquele, queria apenas sentar-se, apreciar o nebuloso vale de San Gabriel e pensar em vampiros.

Estava fascinado com o fato de o assunto estender-se por séculos, permeando uma grande variedade de culturas. Ele precisava apenas de uma visão original do antigo tema. Inspirou fundo e deixou sua mente vagar em novas direções. Quando os sinos tocaram, na torre de pedra da Igreja Congregacional, uma ideia maravilhosamente bizarra atingiu-o com a força de um golpe.

Ele desceu a montanha e correu para casa. Encontrou sua Bíblia da escola dominical, levou-a para o jardim, que ficava nos fundos, e abriu-a no Novo Testamento. Conhecia as histórias dos Apóstolos, mas as leu com mais discernimento do que tinha quando criança.

Os olmos sussurravam, e as flores de laranjeira perfumavam todo o jardim. Era um cenário viçoso para pensar e sonhar e, quando escureceu, ele entrou e digitou um esboço o mais rapidamente possível.

Eric Collins era professor do Departamento de Arte da Universidade do Arizona, em Tucson. O semestre acabara de ser finalizado, e ele estava lidando com o odioso ritual de limpar seu escritório quando recebeu o e-mail de Dave Olson. Eles haviam crescido juntos em Sierra Madre, e eram bons amigos.

Eric lera o romance de Dave, e se reconheceu em um dos personagens principais, mesmo que o amigo não admitisse. Agora, Dave lhe enviava uma ideia absolutamente espantosa, e ele não conseguiu deixar de rir.

Dave a expusera com muita lógica. Quando Jesus fora para o deserto, ele havia sido tentado pelo Diabo. Dave propunha que Satã vencera o conflito e que transformara Cristo em um vampiro. A prova estava nas escrituras, em uma promessa de vida eterna. Jesus exortara seus discípulos a se lembrarem dele, considerando o pão como sua carne e o vinho como o seu sangue. Ele se levantara dos mortos, mas Dave questionava se isso se tratava de um milagre ou do despertar natural de um vampiro.

Imaginando tratar-se de uma sátira de coincidências, mais do que do absurdo início de um romance de horror, Eric transmitiu o e-mail para seus amigos. Muitos também eram professores universitários e, com certeza, ririam daquilo.

Em seguida, ele enviou uma resposta rápida para Dave e voltou a selecionar seus livros, diapositivos e papéis.

No dia seguinte, quando Dave verificou seu e-mail, foi surpreendido por mais de cem respostas ao seu enredo sobre vampiros. Eram de gente da qual ele nunca ouvira falar, e apenas uma pessoa podia ter espalhado sua ideia brilhante daquela forma.

Telefonou para Eric Collins, esforçando-se para permanecer calmo, e não ceder a uma fúria homicida.

— Eu deveria ter marcado meu e-mail como confidencial? Você não entendeu que eu queria uma opinião séria a respeito do meu novo livro, e não centenas de novos amigos?

Eric tinha acabado de sair do chuveiro. Secou o cabelo com a toalha e atirou-a para o lado. Obviamente estava enrascado, e havia apenas uma saída.

— Sinto muito, Dave, mas eu não tinha ideia de que estava falando a sério. Eu apenas encaminhei seu enredo para alguns amigos, e vou avisá-los hoje de que não devem compartilhá-lo com ninguém.

— É tarde demais. Eles já encaminharam seu e-mail para todos os conhecidos, e muita gente não achou divertido. Eu até mesmo recebi algumas ameaças de morte. Você está me escutando? Ameaças de morte!

Eric podia falar apenas por seus próprios amigos; ele não tinha ideia de quem os amigos deles pudessem ser.

— Veja, eu consertarei a situação. Vou descrever seu enredo como uma paródia de filmes de vampiro e insistir para que todos os que receberam a minha primeira mensagem enviem uma desculpa para quem se sentiu ofendido.

— Isso foi muito além de ser ofendido, Eric. As pessoas estão denunciando a história como uma blasfêmia e esperando que um raio me mate.

Eric nunca cometera um erro tão grave, e se sentia mal por ter magoado o amigo.

— Nós dois sabemos que isso não vai acontecer. Você planeja mesmo escrever o livro?

— Eu planejava, mas agora a ideia está pairando no ciberespaço, e alguém pode se antecipar a mim. E era uma ótima ideia.

— Sinto muito por não ter percebido do que se tratava. Não leia os e-mails de pessoas cujos nomes você não reconhece, apenas as apague. As mensagens rancorosas devem desaparecer em um ou dois dias.

Dave suspirou, infeliz.

— Eu tinha planejado usar um pseudônimo para o livro, a fim de evitar consequências da direita religiosa, mas não é difícil encontrar alguém uma vez que se conheça seu endereço de e-mail.

— Se você está mesmo preocupado, por que não me encontra na minha casa em Sedona este fim de semana? Pretendo passar o verão todo lá, e há muito espaço.

— O que aconteceu com Íris, ou Petúnia, qualquer que fosse o nome dela?

— Lily. Nós seguimos caminhos separados. Portanto, você não precisará competir pela minha atenção.

— Vou pensar nisso. Apenas faça o que puder para arrumar essa horrível confusão.

— Farei isso imediatamente. — Eric despediu-se, pegou sua toalha e enrolou-a nos quadris. Não entendia como podia ter cometido uma gafe tão medonha e foi direto até o computador para corrigi-la.

Dave parou de abrir e-mails até reconhecer o nome de uma editora. Alguém encaminhara seu enredo para o escritório dela em Nova York, e ela tinha adorado a ideia. Solicitou um esboço e os três primeiros capítulos o mais rápido possível.

Sua mão tremia ao imprimir a mensagem, a fim de convencer a si mesmo de que era real. A mulher fora uma das que lhe enviara uma carta-padrão, escrevendo, porém, um encorajamento na margem. Aparentemente, ela se lembrara de seu nome.

Talvez o que ele tinha visto como um desastre pudesse funcionar em seu benefício, afinal.

Mae Lambeau bateu de leve na porta do escritório de Eric. Ela era uma colega do Departamento de Arte. Sua área era Arte Primitiva, enquanto a dele era o Renascimento.

— Olá, Mae. Entre. Está lecionando este verão? — ele perguntou.

A saia de tecido leve roçou o chão quando ela se sentou. Morena de olhos castanhos, ela usava o cabelo longo. Era alta e delgada, e apreciava um vestuário exótico, adornado com joias étnicas. Braceletes prateados tiniam enquanto ela gesticulava.

— Não, mas eu preciso retrabalhar minhas conferências para mantê-las atualizadas. Passei por aqui apenas para perguntar a respeito da história de vampiros do seu amigo.

Eric gemeu.

— Você recebeu meu segundo e-mail?

— Aquele dizendo para eu me esquecer de já ter ouvido a ideia? Sim, mas agora eu não consigo parar de pensar no assunto.

— Tente — Eric disse com ênfase. — Parece que Dave recebeu alguns e-mails muito desagradáveis, o que é totalmente culpa minha, e eu quero a história esquecida.

Mae deu uma risada rouca.

— Você está tentando fechar a caixa de Pandora. Espero que ele escreva o livro. Eu gostaria de lê-lo.

— Eu também, mas ele pretendia usar um pseudônimo para não ter que enfrentar uma controvérsia.

— É uma boa ideia. Nós estamos acostumados a lidar com ideias e aceitar desafios com muito mais tranquilidade do que o público em geral. O que você vai fazer este verão?

Eric apoiou-se na escrivaninha e cruzou os braços. Ele era alto, tinha os cabelos claros, os olhos azuis e a constituição delgada de um corredor. Também era esperto demais para permitir que uma mulher atraente como aquela entrasse em seu escritório sem encorajá-la a permanecer por mais algum tempo.

— Estarei na minha casa em Sedona, absorvendo a energia que emana dos vórtices. Também preciso atualizar as minhas conferências.

— Sedona é um lugar tão lindo. O mundo poderia ter começado mesmo ali?

— Essa é a lenda Yavapai, e muitos acreditam que seja verdadeira. Você costuma ir a Sedona?

— Eu iria, se fosse convidada.

Eric pegou um de seus cartões na escrivaninha e escreveu no verso o número de seu celular.

— Considere-se convidada. Vou para lá este fim de semana. Pode me telefonar quando quiser visitar. Tenho diversos aposentos e minha própria reputação a preservar. Portanto, não precisa se preocupar com a sua.

Mae lambeu de leve os lábios.

— Qual é o objetivo de fazer a viagem então? — Ela riu ao sair do escritório, e seu perfume de lavanda permaneceu no ar.

De manhã, Dave apagou um e-mail que não abria, esperando que fosse o último deles, e trabalhou o dia inteiro em seu livro. À noite, enquanto a luz ainda estava boa, sentou-se no jardim para ler e editar o que produzira. Em seu primeiro livro, esforçara-se para encontrar a palavra correta para cada pensamento, mas agora as ideias fluíam com tanta facilidade que ele encontrou pouca coisa para ser corrigida.

Estava esquentando as sobras de espaguete quando Brutus, o doberman de Parker, seu vizinho, começou a latir. O animal levava a sério o trabalho de cão de guarda, e Dave assegurou-se de que suas duas portas estivessem fechadas. Ele espiou pelas janelas da frente. Um casal estava jogando tênis em uma quadra bem-iluminada no Memorial Park, do outro lado da rua, e nada parecia errado. Coiotes desciam das montanhas procurando comida, mas ele não estava disposto a sair para espantar um deles.

Sentou-se à mesa da cozinha para comer seu espaguete, diretamente da panela, o que o livrava de lavar mais pratos. O macarrão ficava sempre melhor no segundo dia. No entanto, após alguns bocados, ele se sentiu sem apetite.

Brutus continuava a latir e, mesmo duvidando de que alguém o espreitasse, rastejando pelos arbustos do vizinho, aqueles primeiros e-mails enraivecidos ainda o preocupavam. Ele jogou o resto da comida no lixo e ligou para Eric Collins.

Estava na hora de visitar Sedona.

— Você acredita no Diabo? — Dave perguntou. Eles estavam sentados no deque de Eric, com uma vista gloriosa do Oak Creek Canyon, tomando uma cerveja gelada.

— Um sujeito grande e vermelho com chifres e um rabo? — Eric perguntou. — Não. Acredito no mal como uma grande força, mas gerada pelo homem, e não por algum demônio.

Dave assentiu.

— Eu concordo, mas é óbvio que muitas pessoas discordam.

O óxido de ferro tornava a terra uma vívida terracota ali, e Eric raspou um pouco da lama colorida de suas botas no parapeito do deque de madeira.

— Se você quiser escrever um romance de horror, enfie demônios, fantasmas, monstros e vampiros. As pessoas que adoram uma leitura assustadora ficarão excitadas. As que se ofenderiam não comprarão o livro.

— Você acha que outros escritores se preocupam tanto a respeito de como seu trabalho será recebido?

— Pergunte a Salman Rushdie. Ele ainda está vivo.

— Sim, e aposto que ele ainda recebe e-mails desagradáveis. — Dave ficou tentado a atirar sua garrafa vazia, mas o terreno de Sedona era belo demais para ser poluído com lixo. Ele a colocou perto de sua cadeira e pegou outra no cooler repleto de gelo. — Estou pensando em fazer um dos apóstolos contar a história. Tadeu é convenientemente obscuro. Ele foi para a Armênia a pedido do rei Abgar, e foi assassinado pelo sobrinho de Abgar, que se tornara cristão e depois se arrependera. Portanto, Tadeu desaparece da história logo após a crucificação. Se ele fosse um vampiro, no entanto, ainda poderia estar vivo e provocando muita destruição até hoje.

— Ele poderia ter inspirado os fatos horríveis a respeito dos vampiros nos países que visitou — Eric acrescentou.

— Exatamente. Ele poderia ter vagado, sem pretender ferir ninguém; ou talvez ele estivesse fugindo do que havia se tornado.

Eric assentiu, intrigado.

— Mas isso se apossou dele repetidamente.

Dave riu.

— Eu lhe digo, essa ideia abre tantas possibilidades que é difícil escolher qual seguir. Tadeu pode ser uma alma torturada, ou um homem que anseia pelo sangue dos outros.

— Você tem dois mil anos com os quais trabalhar; ele poderia evoluir de uma forma ou de outra.

— Sim, estou inclinado para um homem atormentado que aos poucos aceita o que é, e então finalmente enaltece isso.

— E quanto às mulheres?

— Vampiros supostamente são grandes amantes. Portanto, deve haver bastante sexo.

Eric tomou o último gole de cerveja.

— Quando foi a última vez que você teve um encontro com uma garota?

— Eu não me lembro dos encontros; lembro-me apenas do sexo. Além disso, eu tenho uma imaginação fértil.

— Bem, é melhor você fazer um pouco de sexo antes que o mercado imobiliário se recupere, e você tenha que reabrir seu escritório — Eric aconselhou.

— Não é provável que isso aconteça em breve.

Eric riu.

— Você estará vendendo casas outra vez antes que eu dê aulas para um calouro que realmente tenha entrado na Universidade ansioso para aprender. Vamos trocar de roupa e ir até a cidade para jantar?

— Aquele restaurante mexicano que serve sorvete frito ainda está aberto?

— Claro que sim.

— Então minha sorte não está de todo má.

Dave voltou para casa na terça-feira à tarde. Na quarta à noite, Mae Lambeau ligou para Eric.

— Seu convite ainda está de pé? — ela perguntou.

— Quanto tempo você vai levar para chegar aqui?

— Se eu sair de Tucson de manhã, chego aí no começo da tarde.

Eric forneceu o endereço e as orientações e se apressou para arrumar a casa antes que ela chegasse. Por sorte, os monólitos vermelhos ao redor eram empolgantes e, portanto, ela provavelmente não repararia em um pouco de poeira.

Mae dirigia um Beetle conversível azul-claro, com um vaso de violetas de seda preso a uma mola no painel. Ela chegou à casa de Eric ao redor das duas da tarde e abraçou-o quando ele saiu para cumprimentá-la. Ao contrário de seu

habitual traje ultrafeminino, ela usava calças jeans justas, uma camisa de seda turquesa sobre uma camiseta regata branca e botas.

— Este lugar é maravilhoso! — Ela girou lentamente para absorver a vista completa. — Há quanto tempo possui esta casa?

— Era da minha tia, que a deixou para mim em testamento. Ela se mudou para cá nos anos sessenta, e tinha uma personalidade pitoresca.

— Então ela deve ter se sentido em casa aqui. — Uma brisa suave lançou uma mecha de cabelo em seus olhos, e ela a afastou. Mae usava braceletes de prata, brincos de argola e um anel turquesa em forma de coração. — Eu trouxe carne. Espero que você não seja vegetariano. — Ela abriu a porta do carro para pegar uma caixa de isopor, que Eric carregou para dentro de casa.

— Não gosto o bastante de vegetais para chegar a considerar a ideia de ser vegetariano — ele admitiu.

Embora a cozinha fosse pequena, os utensílios eram novos. Ele guardou a carne embrulhada na geladeira.

— Mesmo assim, vou comer uma salada — ele falou.

— Bom. Filés e salada são o suficiente para mim também. Você tem uma grelha?

— Claro, e faço um filé decente. Deixe-me pegar as suas coisas, e vou lhe mostrar os arredores.

Ela o seguiu até o carro.

— Não trouxe muita coisa. Não quero abusar.

— Impossível. Além disso, preciso de uma boa desculpa para não iniciar o trabalho que eu trouxe.

— Eu não trouxe nadinha — Mae assegurou-lhe. — Vamos apenas nos divertir com a energia fluindo dos vórtices.

— Parece ótimo — Eric respondeu.

Lily tinha sido uma bela enfermeira loura, que sempre esperara que ele adivinhasse o que ela queria. Eric rapidamente se cansara dos beicinhos silenciosos quando ele falhava nessa tarefa, o que era bastante frequente. Mae, contudo, parecia-lhe uma mulher que dizia o que queria, e ele ansiava por qualquer energia que ela desejasse trocar. Carregou a bolsa de tapeçaria até o quarto ao lado do seu.

— Mantive a decoração rústica da minha tia, mas acho que a sela na sala de estar é um pouco de exagero.

— Não. É perfeita, desde que você não mantenha também um cavalo ali.

— Nunca pensei nisso, embora haja terra suficiente para construir um curral e criar alguns cavalos. Se esta fosse minha casa em período integral, faria isso. Podemos alugar cavalos, se você quiser cavalgar.

— Após passar a manhã no carro, prefiro caminhar. Estamos perto o

suficiente do rio para andar até lá?

— Sim.

Mae foi atraída pelo desenho emoldurado da formação rochosa Cathedral Rock acima da penteadeira. Ela se inclinou e leu a assinatura.

— Isto é seu, e é esplêndido.

Eric hesitou à porta.

— Gosto de esboçar alguma coisa de vez em quando.

— Isto é muito melhor do que um esboço casual. Você tem talento para dar aulas no ateliê em vez de ensinar História da Arte.

— É uma questão de opinião. Muitas pessoas desenham, Mae, e eu prefiro o desafio de ensinar história em vez de naturezas mortas e retratos.

— Entendo, embora eu não tenha certeza de que um seja mais mentalmente desafiador do que o outro. É uma pena esconder seu talento.

— Está bem aí na parede.

Mae passou por ele ao sair do quarto.

— Faça um desenho para mim, e eu não vou apenas expor em casa; vou transformá-lo em cartões-postais e enviá-los ao redor do mundo.

Embaraçado com o elogio inesperado, ele encolheu os ombros.

— Aí está uma nova fonte de renda que eu nem mesmo havia considerado. Vou colocar isso na minha lista de tarefas. — Eric fechou a porta dos fundos atrás deles.

— Faça isso — ela replicou. O batom cor de pêssego tornava seu sorriso ainda mais charmoso.

Após pegar um chapéu de palha de abas largas no carro, ela estava pronta para ir.

— Eu fiquei no Creekside Inn o ano passado, quando uma das minhas amigas se casou. Os quartos vitorianos pareciam um pouco estranhos aqui no deserto, mas os arredores são lindos.

— O desfiladeiro inteiro é lindo. Cuidado onde pisa. O solo rochoso pode ser escorregadio.

Mae precisou agarrar o chapéu algumas vezes ao equilibrar-se, mas ela chegou ao córrego sem cair. O riacho fluía com um gorgolejo, em um convite a uma estada tranquila. Um sicômoro caído formava um banco, e ela se sentou, abanando-se com o chapéu.

— É um lugar tão sereno. Podemos ficar um pouco?

— Quanto quiser — Eric respondeu. Embora as mulheres com frequência o descrevessem como bonito, ele nunca pensara muito na própria aparência. Mae, por sua vez, era linda. Ela tinha os cílios mais longos que ele já vira, e eram naturais. As unhas eram curtas, com esmalte claro, e não aquelas adagas acrílicas de um vermelho brilhante.

Sua mente voltava-se para apenas uma direção quando estava com ela, e tinha certeza de que outros homens sentiam o mesmo. Um caso com ela seria, sem dúvida, lamentavelmente curto, mas ele sabia que Mae lhe proporcionaria uma experiência excitante enquanto durasse.

— Você já foi casado? — ela indagou.

Eric riu.

— Você não perde tempo, não é? Sim, enquanto eu estava na faculdade. Amy era uma garota maravilhosa, mas um dia nós erguemos os olhos de nossos livros e percebemos que estávamos casados com estranhos. Foi uma separação amigável. Ela se casou com um dentista, tem dois filhos e me envia um cartão de Natal todo ano. E você?

Mae enfiou o salto da bota na terra vermelha.

— Minha história é bem parecida com a sua. Eu estava morando no Taiti, escrevendo minha tese de doutorado, e me apaixonei por um artista francês. O sexo era incrível, mas ele queria uma bela modelo para exibir em galerias de arte, e eu era inteligente demais para não querer dar seguimento à minha carreira. Nós nunca deveríamos ter nos casado, e nossa separação definitivamente não foi amigável. Durante anos, Pierre fez as mais horrendas pinturas de mim, retratos retorcidos no estilo de Picasso, em cores berrantes. Graças a Deus, ninguém podia me reconhecer!

Eric compreendia perfeitamente.

— Agora nós vemos as coisas com clareza demais, e esse pode ser um erro tão grande quanto nossa investida juvenil rumo ao desastre.

Mae inclinou-se para beijá-lo de leve, em um convite para muito mais.

— Você não deve pensar em nada em um lugar tão sereno e adorável.

— Infelizmente, meus pensamentos estão voltados para apenas uma direção.

Mae colocou o chapéu e espreguiçou-se ao levantar-se.

— Eu não sou fácil, Eric. Você terá que preparar meu filé bastante malpassado, do jeito que eu gosto, para ganhar mais do que um beijo de boa-noite.

Ela flertava com uma voz rouca, assim como com as palavras, e ele teve que rir.

— Eu mal vou colocá-lo no fogo, se é o que você quer.

Ela começara a retornar pela trilha e parou para olhar por sobre o ombro.

— Tome cuidado com o que você promete.

O cabelo de Mae era da cor de chocolate meio-amargo e, observando as pontas levemente onduladas agitarem-se contra os quadris, Eric nem mesmo conseguiu se lembrar do que tinha dito.

Dave parou diversas vezes durante o dia para apagar e-mails e, na quinta-feira à noite, achou que o pior já havia passado. Pegara um mapa-múndi na

parede da sala de estar e circulou os países que tinham as lendas de vampiros mais horripilantes. Precisava apenas fazer Tadeu passar por eles.

Quando alguém tocou sua campainha, ele teve o cuidado de olhar para fora. Um homem com cabelo negro desgrenhado usando uma camiseta da banda Grateful Dead estava à porta, segurando um gatinho. As pessoas largavam animais de estimação indesejáveis no parque o tempo todo, o que enfurecia Dave. Ele abriu a porta.

— Sinto muito, mas esse gatinho não é meu.

— Eu sei — o homem disse. Sua voz era suave e profunda, e ele sorriu ao entrar.